

O psicólogo acredita que o gosto pelos objetos antigos é uma forma de se reconectar e vivenciar o tempo de outra forma — em que a vida é vivida mais devagar. Existe também o elemento afetivo, em que os objetos funcionam como portais emocionais. “É uma forma de acessar memórias afetivas, de revisitar quem fomos — e, talvez, de atualizar isso de maneira mais consciente. É como se disséssemos a nós mesmos: eu ainda sou essa criança, esse adolescente. Eu ainda posso me reconhecer ali.”

Para os mais jovens, que não chegaram a conviver com esses objetos antes, Wladimir pondera que o estímulo é uma nostalgia imaginada. “É como uma saudade herdada. Esses jovens nunca usaram uma Polaroid nos anos 1990, por exemplo, mas veem nessas imagens e objetos algo que os conecta a uma estética mais sensível, mais humana.”

Em uma resposta simbólica à hiperexposição e à ansiedade causados pela performance e pelo excesso de informação, eles encontram conforto em um passado que não viveram, mas que imaginam como mais leve, seguro e íntimo. “Penso que essa nostalgia, mesmo que construída, cumpre uma função psíquica muito importante: a de criar uma base, uma raiz imaginária, num mundo que, tantas vezes, parece flutuante demais”, completa.

Wladimir acrescenta que essa busca se relaciona à construção de uma identidade mais autêntica, menos moldada por filtros e algoritmos. Entre as vantagens desse processo, o psicólogo enxerga um potencial de humanização, exercitando paciência, sensibilidade e atenção. Além de estimularem mais as conexões humanas e a criatividade.

O mundo em uma imagem

Em 2022, a universitária Louise Müller, 21, resolveu comprar sua primeira câmera analógica, uma Olympus-Pen EE-2. A ideia nasceu de uma curiosidade que a acompanha desde quando era pequena. Mais do que isso, queria descobrir como as fotos, antes tiradas pelo celular, ficariam com o efeito do filme. E assim que conseguiu revelar as primeiras imagens, o resultado foi encantador.

Apesar de jovem e fruto de uma geração totalmente tecnológica, a estudante de psicologia acredita que a resolução dos registros feito com celulares é previsível, polida e sem graça. “Embora seja um avanço, nada substitui a granulação, os tons de cor, o contraste e a experiência de tirar uma foto sem saber de imediato como ficou. Gosto muito desse mistério”, conta.

Toda essa magia, de fato, tem a conquistado até então. Para além da memória que surge com os registros, a estética vintage também é um ingrediente especial nessa receita regada de afeto e nostalgia. Isso, segundo Louise, também reflete a paixão que sempre teve por álbuns de



Louise acredita que há uma relação líquida em como as fotos são guardadas atualmente



Louise é apaixonada pela estética retrô e vintage

ONDE REVELAR

Revelar imagens nem sempre é uma tarefa fácil, sobretudo por ser uma atividade antiga e pouco conhecida entre os mais novos. No entanto, ainda existem vários lugares espalhados por Brasília que continuam inaugurando memórias dos apaixonados pelos registros.

- O Barco Estúdio, SHCGN 716 Bloco E
- Cine Foto JM, CLS 202, Bloco A
- Ótima Digital, CLS 113, Bloco A
- Fujiclick Digital, SHCS CLS 113, Bloco C
- JK FotoStory, CLS 113, Loja 8

fotografia, uma tradição herdada dentro de casa.

“Sinto que, na época dos meus pais e avós, as fotos eram sagradas. Não apenas as fotos, mas também livros, cartas, discos, uma série de bens físicos que agora se tornaram digitais. Agora, as fotos são armazenadas em uma nuvem, em vez de uma caixa de sapatos. A relação

que temos com elas tem se tornado mais líquida”, enfatiza. Hoje, a estudante utiliza duas câmeras para capturar o mundo afora: Olympus-Pen EE-2 e Olympus Trip 200. “Compro e revelo meus filmes no laboratório fotográfico O Barco Estúdio. Gosto muito do atendimento deles e da variedade de opções de filmes”, finaliza Louise.